

Palcos do conhecimento, da comunicação e cultura

RESUMO

Neste artigo o autor discute o papel das narrativas mitológicas na construção do conhecimento.

ABSTRACT

In this paper the author discusses the role of myths in the construction of knowledge.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Mitos (Myths)
- Cultura (Culture)
- Conhecimento (Knowledge)

Alex Galeno

Prof. PPG Ciências Sociais/UFRN

“Queremos ser os poetas de nossa própria vida,
e, primeiro, nas menores coisas.”
Nietzsche

OS MITOS NOS HABITAM e nos possuem assim como possuímos os genes que nos possuem. A possessão é o que gera o mito, alimenta a cultura e a vida. É o daimon fornecedor de narrativas universais presentes no mundo dos homens. Teria Freud desvendado o Complexo de Édipo sem se alimentar na mitologia? As agruras do desvendamento do enigma por Édipo são o movimento circular do mito e de nossas tragédias. As tragédias do amor, da família e do conhecimento.

Édipo foi condenado a vagar pelo mundo para se livrar da culpa por ter desejado e possuído Jocasta e assassinado Laio. Furou seus próprios olhos e assumiu o vaticínio da culpa. Édipo transgrediu, mas cegou-se para não encarar fixamente sua agonia e os perigos do seu desejo. Édipo não se cegou apenas por que se sentiu ferido ao descobrir que havia possuído a própria mãe, mas também porque desvendou segredos e experimentou o peso da verdade. Cegou-se a si próprio por saber e conhecer demais.

As tragédias edipianas expõem, de maneira radical e simbólica, os efeitos sádicos e desmedidos do conhecimento na ciência contemporânea. Ao se querer conhecer demais, têm-se produzido tragédias e vaticínios na própria razão.

O conhecimento, ao querer desvendar todos os segredos, tem perdido a capacidade da fúria e do lado selvagem que a natureza nos aconselha tão bem. Desvendar verdades dói, mas, como lembra Nietzsche, para não perçermos ao peso da verdade existe a arte, que refaz os percursos do conhecimento sem a pretensão dos cientistas vorazes que, diante da comilança técnica, teimam em

desvendar toda a verdade científica. O sábio Tirésias nos legou a vontade de saber, mas sem a pretensão de atingir a verdade. Querer saber demais é sucumbir ao movimento absoluto de uma razão presa ao esclarecimento. Não foi à toa que Platão imaginou seu mito da caverna como a necessidade de uma luz eliminadora de sombras da ignorância. Em sua academia, era vedado o acesso àqueles que não fossem capazes de exercitar um saber claro.

Ao contrário das acepções platônicas e para falarmos de nossas verdades, talvez tenhamos que saber menos das ofertas da ciência. Devemos experimentar as verdades dos idiotas, loucos, analfabetos e dos próprios animais, como tão bem nos aconselha Elisabeth de Fontenay quando se refere ao comentário de Gilles Deleuze sobre Antonin Artaud e William Faulkner: “Deleuze destaca que, no sintagma escrever para, podemos entender como escrever na intenção de ou escrever em lugar de. Citando Artaud: Eu escrevo para analfabetos, e Faulkner: Eu escrevo para os idiotas”.

A voracidade, em busca das eureka infinitas por parte dos cientistas, revela igualmente a profunda ausência de uma ética do amor. Paradoxalmente, com as paixões e necessidade de descobertas, seguem os “desaprendizados” do amor, assegura Artaud:

“Se pudéssemos amar, amar de uma vez, a ciência seria inútil; mas, sob ação de uma espécie de lei mortal que provém do próprio pesadume e da riqueza da criação, desaprendemos de amar. Estamos metidos na criação até o pescoço, estamos nela com todos os nossos órgãos: os sólidos e os subtis”.

Artaud apela a uma consciência dramática da existência humana que se encontra também em Balzac, Dostoiévski, Camus e Shakespeare, mestres das

narrativas trágicas por excelência.

Em *Otelo* e em *o Rei Lear*, Shakespeare sintetiza de forma metafórica padrões éticos, estéticos e culturais. Quão vivas não são as metáforas da traição, do jogo de poder e da loucura suscitadas por essas peças? Se olharmos a civilização, perceberemos o povoamento das ações perversas e traiçoeiras dos Iagos e Edmundos, personagens que encarnam a cobiça, a inveja e a dissimulação presentes nas relações humanas.

Essas tragédias permitem-nos um entendimento da condição humana que dificilmente os tratados de psicanálise e psiquiatria dariam. Aliás, o próprio Freud nutriu-se de Shakespeare para entender os dramas da psique. Para ele, o teatrólogo exterioriza uma dramaturgia das tragédias humanas:

“O primeiro desses dramas modernos é *Hamlet*. Seu tema é a maneira como um homem, até então normal, torna-se neurótico devido a natureza particular da tarefa com que se defronta, ou seja, um homem em quem uma emoção até ali recalcada com êxito esforça-se por se impor”.

Uma dramaturgia das forças oníricas que se exterioriza perante a vida e o mundo, como desejaram Nietzsche, com Dioniso, e Artaud, com Heliogábalo - pensadores que atuaram no cenário da vida e do pensamento como personagens que não interiorizaram a dor e o sofrimento como culpabilidade e, por isso, ofertá-los-iam a Deus. Ao contrário, viram que as dores e as tragédias deveriam ser exteriorizadas como arte e como restauradoras da vida. Nessa crueldade possuidora da vida, as teorias científicas, políticas e estéticas não seriam mais “maquinarias discursivas”, apresentadas e servidas pelos funcionários ou atletas do pensamento, mas uma cena sobre a qual a vida se transformaria com a própria experiência do conhecimento. Eles nos legaram a experimentação de um

pensamento e conhecimento dramáticos. Além disso, demonstraram que seria indispensável fazermos uma genealogia das experiências de personagens que compuseram os cenários de nossa história como errantes do infinito.

Das experiências artaudianas, poderiam advir sugestões temáticas diversas: estudos sobre a revolta na história, os dramas de si e do outro, as idéias de um pensamento selvagem, germinador de florações naturais sobre a cultura, como assim se referiu Lévi-Strauss ao personagem Louis Lambert de Balzac.

Pensando nas colocações de Deleuze e Guattari, esses temas, aliados ao pensamento mitológico, seriam subterraneamente como personagens conceituais, que poderiam emergir como magmas imaginários na pele da cultura. São temas que demonstram o acontecimento universal singular sobre o qual se referiu Sartre a Flaubert. Ou Émile Zola quando se referiu à importância do romance *Madame Bovary* para a história.

“(...) é um documento humano de uma verdade universal, uma página arrancada da história de nossa sociedade.”

Imaginamos que foi assim que Artaud mergulhou na vida de Heliogábalo; na tentativa de compreensão cultural dos índios Tarahumaras no México; na busca mística da Irlanda; na descrição das ilhas do fim do mundo de Galápagos. Escavações e refundações imaginárias nos acontecimentos da história e, simultaneamente, sobre vida e obra de personagens. Monique Borie sintetizou seu horizonte imaginário como um obsessivo diálogo com os mitos e os princípios perdidos da cultura: “O retorno às origens era, portanto, segundo Artaud, o único caminho. O Antropólogo nos tem ajudado a seguir o ‘poeta do teatro’ em seu itinerário. Um itinerário que se dirige exclusivamente para um fim: reencontrar as origens perdidas, atingir o coração de uma outra maneira de pensar o mundo e de organizar a experiência. O teatro não é ele mesmo a

própria entrada. É mais uma arte que seria necessária redefinir as regras, mas também o guardião possível de uma outra cultura”.

Como desejou Peter Sloterdijk, é urgente a construção de uma antropologia filosófica, em que os indivíduos fossem o arquivo e os arquivadores das suas memórias. Nesse arquivo genealógico da errância infinita já mencionada, além de Artaud, poderíamos nos referir a outros que poderiam se pôr ao palco da cultura a partir da força simbólica que conseguiram imprimir na memória das civilizações. Os que definitivamente mudaram a história do pensamento e não deixaram de povoar os cérebros contemporâneos. Personagens que se colocam no meio dos acontecimentos da vida como estranhos estrangeiros e que vislumbram o devir.

Zaratustra, de Nietzsche, que selou definitivamente o fim da cisão entre filosofia, literatura e ciência, como também demonstrou com radicalidade como se comporta o andarilho diante dos outros homens com sua brevidade espaço-temporal. Aquele que, sem dúvida, melhor pode responder a pergunta filosófica inquietante de Hanna Arendt: “Onde estamos, quando pensamos?” O filósofo-personagem que cria o seu duplo ou o estrangeiro que habita sempre de passagem os territórios mundanos. Diógenes, o Cínico, que na Grécia Antiga vagava pelas ruas, exibindo comportamentos que chocavam os habitantes da época. De acordo com Michel Foucault, ele inaugurou e exerceu com radicalidade uma dietética, onde corpo, excrementos, idéias, desejos e a pólis não se separavam. Portanto, quem se masturbasse, defecasse e urinasse em praça pública não deveria ser repreendido, pois se tratavam de elementos e necessidades naturais da própria fisiologia do corpo e, assim, também da vida. Se, com Ulisses, resgatamos imagens apolíneas, com Diógenes é o deus Dioniso que sai do Olimpo para nos visitar e celebrar a vida como uma grande delícia.

Lembramos Hermes, deus mensageiro, fugidio e ladrão. O deus simultaneamente invisível e visível, que oferece a via arquetípica do *comunicare* na cultura.

Evidentemente que seria infinita a lista de personagens que poderíamos resgatar da memória literária, mítica e filosófica.

Por último, para completar a visita arqueológica aos arquivos do conhecimento, gostaríamos de mencionar o personagem Mersault, em *O Estrangeiro*, de Albert Camus, como um dos representantes primordiais para uma possível explicação dos fenômenos culturais, comunicacionais, políticos e psíquicos na contemporaneidade. Demonstraremos a força imaginária que essa personagem tem produzido para aqueles preocupados com a importância da literatura como uma das lentes de interpretação do mundo. Júlia Kristeva nos fala de Mersault como uma fortaleza vazia, fria, indiferente e anestesiada aos sentimentos do mundo.

O possuidor de uma melancolia endêmica e preso a um estado de transconsciência, em que se ocultam as vertigens que o tornaram assassino. Esse estado de indiferença profunda às dores do mundo faz parte de sua decepção e falta de esperança com a própria humanidade, assegura Kristeva. Diferentemente dela, Edgard de Assis Carvalho assegura ser possível uma outra direção interpretativa do caso Mersault, isto é, vê-lo como personagem instaurador de vínculos societários e valores éticos universais.

O que nos parece mais importante na narrativa de Camus e nas interpretações apresentadas são as possibilidades de tematizarmos os estranhos e os céticos caminhos investigativos da comunicação e cultura. Mersault faz-nos perceber que nos encontramos numa encruzilhada civilizatória.

Somos da opinião que em Mersault pode residir a frieza e a indiferença, mas também o exercício da boa distância tão essencial para a convivialidade. Não seria Mersault

um outsider, no qual residiriam os exílios necessários de cada um consigo mesmo e com as relações de pertencimentos? Teremos que repetir a pergunta de Kristeva: “Seremos todos Mersault?” Certamente, seremos Mersault perturbados por uma enlutada orfandade, mas também pela irradiante e universal condição de desenraizados, exibida pelos anjos de Wim Wenders sobre Berlim. O que desejariam esses anjos desenraizados? Ouviriam eles os gritos do homem? Não temos certeza. Afinal, lembra Rainer Maria Rilke que os anjos são terríveis e, muitas vezes, não sabem se caminham entre vivos ou mortos.

Para além da experiência da estrangeiridade vertiginosa de Mersault, Camus oferece-nos a experiência da revolta como antídoto absurdo à aparente frieza e à esterilidade racionais do mundo e como “o eterno alibi do revoltado: o amor pela humanidade”. Uma revolta que devolva fundamentos perdidos da cultura e que torne possível aos anjos terríveis de Rilke e Wim Wenders uma ebulição tranquilizadora com ares do Oriente. A metamorfose do anjo terrível e revoltado contra o puro organismo da vida? Nem anjo nem homem, mas o CsO (Corpo-sem-órgãos) artaudiano, o devir-animal, devir-espécie que amplia as circunstâncias para possuímos a vida .

Nota

- * Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.